

7 Conclusão

Ser poeta. O que é a arte e o que deveria ser a verdadeira arte? O que seria a plenitude artística? O que é alçar vôo em um céu de ouro falso? O que representa o esfacelamento sobre si mesmo? Como deveriam ser o artista e o homem Sá-Carneiro? Suas influências? Várias questões e indagações envolveram esta pesquisa acerca de Mário de Sá-Carneiro, poeta que jovem morreu, a doses de estricnina em um hotel parisiense.

Acreditamos ter conseguido, ao longo do presente estudo, adentrar-nos no universo da lírica de Mário de Sá-Carneiro. A presença constante do sentimento de inadaptação e de irrealização, o estar sempre *a meio caminho* de um ideal inatingível e a tentativa de ascender à plenitude *dourada* levaram o poeta à mais dura *queda*, ao fracasso de seus mais fortes e profundos anseios.

A escolha em utilizar os comentários do próprio Sá-Carneiro em relação aos seus poemas teve como principal objetivo evidenciar quão indissociáveis são a obra e a vida deste poeta. O jovem artista, o menino ideal, apresenta em sua obra uma profunda angústia existencial, como dito na introdução do presente estudo, angústia esta que o esmagava sem compaixão.

Do ponto de vista metodológico, começamos por sua correspondência literária, para buscarmos uma compreensão mais profunda da insatisfação do poeta perante o mundo. Em seguida, refletimos acerca das possíveis influências e possíveis diálogos que marcaram a sua obra, como a de Fernando Pessoa, Camilo Pessanha, Charles Baudelaire e Cruz e Sousa. Mas claro que uma questão surge: por que Baudelaire, Pessanha e Cruz e Sousa? Baudelaire, como o grande introdutor da estética simbolista, através de seu *spleen*, cantava o tédio fatal que assolava a sua existência, tédio este visto exponencialmente em *Além-Tédio*, de Sá-Carneiro. A questão da impossibilidade e o pessimismo vistos nos poemas de Camilo Pessanha, o maior nome da literatura simbolista portuguesa, refletem-se também na obra sa-carneiriana. Cruz e Sousa surgiu como uma agradabilíssima surpresa, quando nos deparamos com seu poema *Cavador do Infinito*, onde foi percebida a busca do *eu*, incansável, como em *Escavação*, de Mário de Sá-Carneiro. Sabemos que o poeta trabalhado neste pequeno estudo é um dos grandes nomes do modernismo português. Contudo, a influência simbolista encontrada na

sua obra tornou-se uma malha trançada a fios de ouro, sempre fazendo com que nos deparássemos com imagens surpreendentes. O capítulo comparativo entre Sá-Carneiro e seus predecessores – Charles Baudelaire, Camilo Pessanha e Cruz e Sousa – teve como objetivo entrelaçar as imagens encontradas na obra do modernista português às imagens características da estética simbolista. As sinestesias, tão utilizadas por tal tendência artística, surgem na obra de Sá-Carneiro com uma intensidade ímpar, violentas, envolventes e, sobretudo, surpreendentes.

O capítulo em que entrelaçamos a obra do supra-camões – Fernando Pessoa – e a de Sá-Carneiro foi da mais profunda valia, pois pudemos perceber o mosaico dos *-ismos* pessoanos e a sua alma de poeta, e até mesmo especular o motivo da amizade destes dois nomes que marcam e sempre marcarão a Geração de *Orpheu* e a literatura portuguesa: a notória capacidade de ser poeta, de viver a poesia, de romper paradigmas. Preferimos deixar de lado, mas não por leviandade, o futurismo, que sempre é comentado em estudos sobre Pessoa (Álvaro de Campos) e até mesmo sobre Sá-Carneiro. Afinal de contas, o primeiro, em um de seus textos, se diz não-futurista, e o outro, sabemos nós, produziu *Manucure* por blague (e que blague maravilhosa!). Atentamos contudo para as sinestesias, para o cruzamento de sensações, para a profunda sensibilidade poética dos mentores de *Orpheu*.

A constante irrealização do *eu* e a sensação de *ser-quase* puderam ser vistas como um tema basilar da produção poética sa-carneiriana. O Ícaro modernista alça vôo ao ideal, buscando ser completo, pleno, porém o calor do Sol derrete seus sonhos e anseios, fazendo-o rodopiar, dispersando-se nas alturas de seu *falso céu dourado* e tombar, esfacelando-se sobre si mesmo.

O *quase*, como dito na introdução desta pesquisa, marca indelével de sua poesia, aflige-o e atormenta-o, o que leva o poeta à complexa sensação de estar *nem alguém nem além*, apenas o *pilar da ponte de tédio*, fincado nas zonas intermédias.

Por fim, o autodesprezo e o aviltamento de si mesmo conduzem tanto o poeta quanto o homem ao limiar da mediocridade da vida, e o triunfo da morte é escolhido como a solução para o seu grande pesar.

A estricnina *silencia* o homem Sá-Carneiro. Contudo, o *grito* do poeta continuará sempre vivo e intenso em sua obra.